

## Introdução

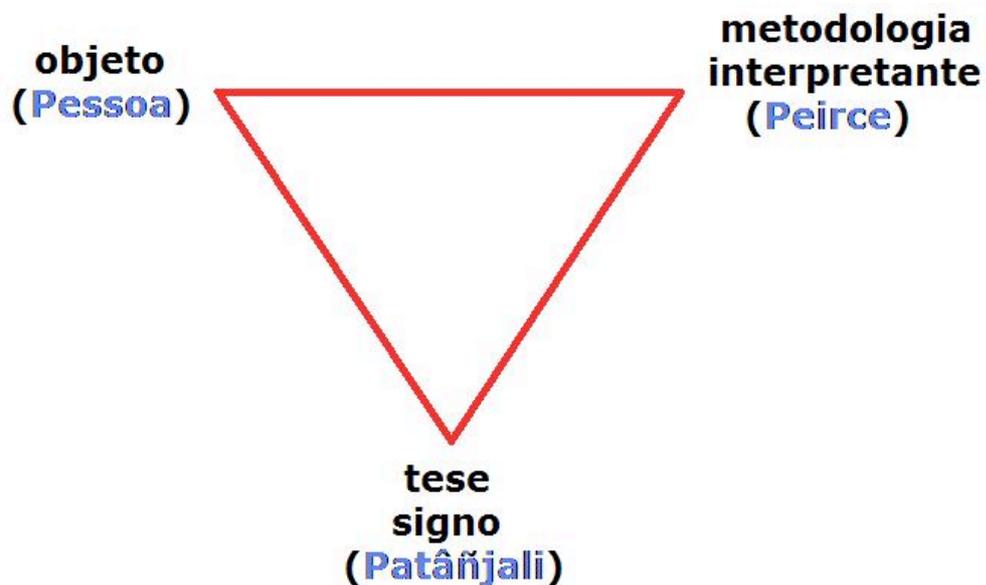
### i. Nota Preliminar

Um projeto de *Gramática do Erro* passou a *Gramática Transgressora*. Transgredindo ou não a si mesma, tornou-se *Gramática não-Transgressora*. Buscando uma saída a esta dualidade Transgressora *versus* não-Transgressora, encontrou algum equilíbrio como uma *Gramática da União em Fernando Pessoa*. Este é um trabalho em progresso. Progressão curiosa, lembrando a de Bharadwaja, estudioso que queria saber tudo, mas que, quanto mais estudava, mais passava a saber da existência de coisas sobre as quais nada sabia. Com o todo sobre o que não sabia aumentando muito mais rapidamente do que o pouco sobre o que sabia, Bharadwaja sabia, proporcionalmente, cada vez menos... Mas queira saber cada vez mais. Talvez seja por isso que esta aventura gramatical, inicialmente debruçada sobre as errâncias gramaticais de Fernando Pessoa, por vezes parece tomar a poética pessoana como mero pretexto para tatear perguntas mais voltadas à Filosofia da Linguagem & da Literatura do que circunscritas a um Pessoa específico, propostas mais ligadas a Pessoa como a uma catapulta do que a uma âncora – uma busca fiel a Pessoa ao menos naquilo que, segundo a Professora Cleonice Berardinelli, o *define indefinidamente*: sua "febre de Além". Se, nesta pesquisa de Mestrado, muitas portas se abrem além de Pessoa, esperamos, no Doutorado, começar a fechá-las um pouco, de modo que fiquem, por fim (que é outro início), entreabertas – numa harmonia buscada que Pessoa-ele-mesmo chega a exaltar, refletindo sobre a Língua Portuguesa:

"Toda a vida existe por virtude de um equilíbrio."

## ii. Confissão Triádica

Começemos por três confissões, ou uma confissão triádica: a *Tese* desta Gramática é simplesmente inspirada em Patãñjali, a *Metodologia* é claramente emprestada de Charles Sanders Peirce, e o *Objeto* é inteiramente tomado de Fernando Pessoa. A Tese é que é possível, eficiente e necessária uma Gramática toda arvorada na semente da *União* – como Patãñjali a cultivou. A Metodologia é a Semiótica, uma *Lógica da Errância*, do movimento de semear Abraços-Elos-Uniões entre as Ciências – como Peirce a realizou. O Objeto é a Ponte entre tradição e anti-tradição que Pessoa sempre habitou, a admirar o Infundo Lar de sua Poesia. A originalidade está em Unir esses três “unioneiros”. Logo, propomos: a Lógica da União das Ciências (Peirce) para desenvolver uma Gramática da União (Patãñjali) a fim de ler a União de Norma & Errância (Pessoa)... Metodologia reflete a Tese que reflete o Objeto de Estudo, numa Unidade que por sua vez espelha a relação Signo-Interpretante-Objeto, cada elemento da tríade a reluzir a idéia de União que esta Gramática em Pessoa professa e confessa.



### iii. O Objeto – de Pessoa

Foi há mais de sessenta anos que a Professora Cleonice Berardinelli recebeu em mãos um livro do então quase-desconhecido Fernando Pessoa – e passou a ensinar seus versos pelo mundo, tendo sido, no Brasil, a primeira a escrever uma tese sobre ele. É uma honra ser orientado por ela e dedicar este projeto de tese ao seu amor pelo fazer poético pessoano. Profunda conhecedora da obra do poeta e da Língua Portuguesa, Cleonice Berardinelli encontrou, numa carta de Pessoa a um editor inglês (*OPr*: 429-433), uma confusão de regências distintas de dois verbos, associados a uma só preposição: “crer e descrer em Deus”...

Segundo a Professora Cleonice Berardinelli, apoiada por toda a Gramática Tradicional, “crer” é um verbo que rege a preposição “em”, ao passo que “descrer” rege a preposição “de”. Logo, se quem crê, crê *EM* Deus, quem descrê, deveria descrer *DE* Deus – e não “em Deus”. Cleonice ainda nos tentou consolar com o dito latino

*aliquando dormitat bonus Homerus*  
(de vez em quando cochila até mesmo o bom Homero)

Christian Toth, estudante de Psicologia e colega nas aulas da Professora Cleonice, também com amor adolescente pelos escritos pessoanos, tentou defender-se com uma hipótese repentina: e se Pessoa estivesse sugerindo que, até mesmo quando descrê, nunca deixa de estar *EM* Deus?... Nessa perspectiva não-materialista, a transitividade deixaria de ter importância, pois Deus deixaria de ser objeto e passaria a ser o Infinito Lugar em que ora somos crentes, ora descrentes...

Sempre perdoando nosso amor pueril pelos versos pessoanos, Cleonice Berardinelli não discutiu a hipótese.

No semestre seguinte, estudando na Universidade de Coimbra, pudemos fazer um levantamento de todos os “em Deus” que aparecem no *Livro do Desassossego* (doravante *LD*) de Fernando Pessoa (do seu “semi-heterônimo” Bernardo Soares). Um exemplo (com grifo nosso) é:

As mesmas paisagens, as mesmas casas eu as vi porque as fui, feitas **em Deus** com a substância da minha imaginação. (PESSOA, *LD*: frag. 138)

Mais que outros usos da expressão “em Deus”, descobrimos que, no *LD*, é comum o uso de expressões análogas em função sintática, empregando “mim”, “nós” ou “tudo” como lugares tão possíveis quanto o espaço “Deus” na expressão “em Deus”. Quanto mais abstratas e nebulosas as idéias de Bernardo Soares, fundindo sonho e realidade, mais nos surpreendem índices como “em mim”, a tentar delimitar os argumentos:

=> (...) vencemos o que **em nós** é externo; (*LD*, frag. 162)

=> Aborreço-me de mim **em tudo**. (*LD*, frag. 182)

=> (...) e eu atingia um estado de distância íntima em que se me tornava difícil lembrar-me de ontem, ou conhecer como meu o ser que **em mim** está vivo todos os dias. (*LD*, frag. 198)

=> (...) o reflexo desse céu nulo num lago **em mim** (...) (*LD*, frag. 227)

=> Conheço, translata, a sensação de ter comido demais. Conheço-a com a sensação, não com o estômago. Há dias em que **em mim** se comeu de mais. (*LD*, frag. 264)

=> Há qualquer coisa de longínquo **em mim** neste momento. (*LD*, frag.377 – todos os grifos são nossos, sempre)

Uma lista completa seria o próprio *Livro do Desassossego* inteiro. Esboçamos uma tabela de chaves-de-análise de exemplos trans-gramaticais de Pessoa, que anexamos a esta dissertação. Aqui, apenas recordemos o último verso do primeiro soneto de Álvaro de Campos: “Nem sei bem se sou eu quem **em mim** sente” (*AC-CB*: 6). Faltava algum exemplo do uso ou *ab-uso* da regência “descrever em”. Logo encontramos “descrença em”...

=> O meu hábito vital de **descrença em** tudo (...) (*LD*, frag. 305)

=> Pertencço a uma geração que herdou a **descrença na** fé cristã e que criou em si uma **descrença em** todas as outras fés. (*LD*, frag. 306)

...além de um fragmento em que Pessoa expõe o desejo de ser o imenso-criador-Deus, espaço infindo em que as criaturas vivessem com livre-arbítrio, isto é, liberdade para inclusive “crer e descrever”, em Deus.

Criar dentro de mim um estado com uma política, com partidos e revoluções, e ser eu isso tudo, **ser eu Deus** no panteísmo real desse **povo-eu**,

essência e acção dos seus corpos, das suas almas, da terra que pisam e dos actos que fazem. **Ser tudo, ser eles e não eles.** (*LD*, frag. 157)

Por fim, encontramos, ainda que com sintaxe tortuosa, contorcida, a regência “descrever em”.

(...) Deus é a alma de tudo.

Nunca compreendi que quem uma vez considerou este grande fato da relojoaria universal pudesse negar o relojoeiro **em** que o mesmo Voltaire não **descreu**. (*LD*, frag. 249)

Perante toda esta série de exemplos a favor de nossa hipótese, quando já estávamos absolutamente convencidos de que Pessoa não errara ao dizer “crer e descrever em Deus”, eis que descobrimos que a tal carta ao editor inglês havia sido originariamente escrita... em Inglês! Portanto, a culpa anti-gramatical deveria recair toda ela sobre o tradutor – se este não tivesse feito a talvez mais rigorosa tradução de Fernando Pessoa jamais idealizada.

Como já estávamos absolutamente convencidos, a descoberta, em vez de nos abalar, serviu de mote para escrevermos “crer e descrever EM DEUS” como *o melhor resumo* que encontramos para o diálogo entre Fernando Pessoa e seu Mestre Alberto Caeiro, um crente e outro descrente, *em Deus!*, delimitando o problema que buscamos tratar no Mestrado e que desejamos, futuramente, aprofundar no Doutorado; a concepção de “erro” depende da perspectiva a partir da qual se olha – da perspectiva da tradição, o erro é traição; da perspectiva da traição, a tradição é que é errada; já da perspectiva da Poesia de Deus, se o leitor se permitir por um relance Tamanha Perspectiva, tanto Pessoa quanto Caeiro são igualmente possíveis, assim como suas linguagens aparentemente alheias à Gramática Tradicional.

A obra pessoana é preñe de desafios à tradição gramatical, como poderemos ver nos exemplos a seguir, todos tirados do *LD*:

= Por amor de Deus! Não ia decerto citar-me um exemplo... Isso só se faz nas gramáticas; não sei se se recorda que até nunca as lemos.

– Leu alguma vez uma gramática?

= Eu nunca. Tive sempre uma aversão profunda a saber como se dizem as coisas... A minha única simpatia, nas gramáticas, ia para as excepções e para os pleonasmos... Escapar às regras e dizer coisas inúteis resume

bem a atitude essencialmente moderna... Não é assim que se diz? (frag. 370)

Repare-se que Pessoa usa não só travessões no diálogo acima, mas também sinais de “=” (igualdade), indicando que conversa consigo mesmo, embora seja um outro a cada pergunta e a cada resposta. Seguindo com nossa breve enumeração:

Uma amargura por elas sentiu-me no coração. (frag. 26)

(...) a este incerto movimentos. (...) a frase “a este incerto movimentos”, na página tal, é assim mesmo, com as vozes adjetivas no singular e o substantivo no plural. (frag. 83)

Mas se quiser dizer que existo como entidade que a si mesma se dirige e forma, que exerce junto de si mesma a função divina de criar, como hei-de empregar o verbo “ser” senão convertendo-o subitamente em transitivo? E, então, triunfalmente, antigramaticalmente supremo, direi “Sou-me”. (frag. 85)

Umaz vezes o próprio ritmo da frase exigirá Deus e não Deuses: outras vezes, impor-se-ão as duas sílabas de Deuses e mudo verbalmente de universo; (frag. 87)

A minha alma é húmida de ouvi-lo. (...) Bate contra a vidraça, indolente, gemedoramente, a chuva. (frag. 141)

Em qualquer coisa pensa no escuro o moço de fretes que modorra de dia contra o candeeiro no intervalo dos carretos. Sei em que entrepensa (...). (frag. 142)

E, em meio de tudo isto, vou pela rua fora, dorminhoco da minha vagabundagem folha. (frag. 174)

(...) certos retoques de brisa fria que anunciavam o outono. Não era ainda o desverde da folhagem (...) (frag. 202)

Nunca dei crença àquilo em que acreditei. Enchi as mãos de areia, chamei-lhe ouro, e abri as mãos dela toda, escorrente. (frag. 221)

Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar. (frag. 259)

Hoje, de repente, voltei ao que sou ou me sonho. (frag. 334)

(...) um embrulhar-se sem onde. (frag. 342)

Coroando este breve exemplário, segue o trecho inicial de “Chuva Oblíqua”:

Atravessa esta paisagem o meu sonho dum porto infinito  
E a cor das flores é transparente de as velas de grandes navios  
Que largam do cais arrastando nas águas por sombra  
Os vultos ao sol daquelas árvores antigas... (PESSOA, *OP*: 113)

Uma banca tradicional de Vestibular consideraria no mínimo heterodoxa a regência da expressão “transparente de as velas”, no segundo verso do poema acima. A professora Cleonice Berardinelli, no entanto, interpretando "Chuva Oblíqua" em sala de aula, defendeu o princípio sintético da metáfora regendo não apenas o plano imagético do texto, mas também sua sintaxe: as possíveis expressões “é transparente como” e “tem a transparência de” entrecortam-se no segundo verso, resultando numa formação sintática inusitada, em que o verdadeiro regente não é um verbo, mas a metáfora da interseção – daí a imagem das velas de grandes navios atravessar o meio do verso, em plena transparência da cor das flores... Eis que, de recurso no apêndice das Gramáticas Tradicionais, a metáfora passa a princípio estruturador do texto, anterior à própria sintaxe.

Como, por que e para que Fernando Pessoa, dominando os recursos gramaticais da Língua Portuguesa, cometia certíssimos “erros” de Português? Como entender essas “errâncias gramaticais”, visto que fazem perfeito sentido na obra pessoana? E, se fazem sentido, que Gramática tais “erros” seguem *ou criam* que não a tradicional?

Faz-se necessário explicitar que, por 'Gramática', entendemos aqui não apenas uma compilação de recursos a serviço de uma análise exclusivamente sintática da obra pessoana, pois é justamente o olhar inclusivo que adotamos sobre nosso objeto de estudo – tal como o próprio Pessoa sugere numa "Nota Preliminar", aposta por Maria Aliete Galhoz à edição de 1960 do livro *Mensagem*, para que possa haver *compreensão*,

entendendo por esta palavra [compreensão] o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionado com vários outros símbolos (...). (PESSOA, *OP*: 69)

Outra qualidade essencial, ainda na mesma "Nota" de Pessoa, é a simpatia:

Tem o intérprete que sentir a simpatia pelo símbolo que se propõe interpretar. A atitude cauta, a irônica, a deslocada – todas elas privam o intérprete da primeira condição para poder interpretar. (idem)

Uma Gramática *compreensiva*, portanto, deve ser *simpática* ao movimento criador e recriador da Língua. Vemo-la como uma *Lógica Poética* em que são

igualmente significativos os usos e os abusos da linguagem, podendo as exceções transformar-se em regras, caso estabeleçam um paradigma mais simples, entendendo por mais simples um princípio mais amplo, uma regra com menos exceções. Por *Lógica Poética*, reconhecendo a etimologia dessas palavras, compreendemos a sabedoria (*logos*) da ação (*sis*) de fazer (*poien*)... fazer, com as palavras, a Ponte da Comunicação. Entender esta Ponte em Fernando Pessoa é um dos nossos objetivos.

Fernando Pessoa dizia que “Caeiro escrevia mal o português” (1935, *OP*: 98), no entanto se trata de seu (im)próprio Mestre. Pensando na relação Pessoa-Caeiro como uso-e-abuso na linguagem (sendo que *uso* para um é *abuso* para o outro) voltamos ao caso “Crer e descrer em Deus”, com que introduzimos nosso Objeto de estudo.

Pode a idéia de *Deus* ser vista como lugar, espaço, adjunto adverbial? Entre crer e descrer, entre Pessoa e Caeiro, adotamos a postura de observador – entre a autoridade gramatical da Professora Cleonice (tradição) e a “anti-autoridade” do aluno ouvinte Christian Toth (anti-tradição). Se tivéssemos adotado a postura da tradição, este trabalho seria uma “Gramática Normativa”; se adotássemos a anti-tradição, um título apropriado seria “Gramática Transgressora”. Entretanto (ou entre-tanto), a Poesia de Pessoa atravessa a tradição, fendendo regras e desafiando compreensões – mas sem deixar de fazer sentido aos que se disponham a acompanhar seu movimento de abertura, sua “febre de Além”.

Como a obra de Pessoa equilibra sentidos entre tradição e anti-tradição?

#### iv. A Tese – de Patâñjali

Nossa Hipótese de trabalho é que a linguagem de Fernando Pessoa aponta para uma Gramática que, em vários sentidos, cultiva o signo da *União*:

- a) entre erro e norma gramatical ou, em sentido mais amplo, entre tradição e anti-tradição;
- b) entre diversas ciências ou áreas do conhecimento, fundidas nas grandes sínteses que os heterônimos encarnam e comunicáveis por uma lógica a-fim à Semiótica proposta pelo pensador Charles Sanders Peirce;
- c) entre as diversas perspectivas poéticas pessoanas, encarnadas nos heterônimos perseguindo uma mesma “febre de Além”, no sentido em que a Professora Cleonice Berardinelli emprega esta expressão, como constante elo, ponte de diálogo, em meio à pulverização heteronímica.

Especificamente sobre o segundo sentido de *União* expresso acima (em 'b'), convém lembrar algumas das sínteses encarnadas pelos heterônimos: Álvaro de Campos é um poeta-engenheiro; Alberto Caeiro já foi lido, por exemplo, em diálogo com São Francisco de Assis (GARCEZ, 1985), com Lao Tsé (LOURENÇO, 1973), com Buda (PINTO, 1998) e com Sá-Carneiro (GARCEZ, 1990); Ricardo Reis é um clássico-moderno; Pessoa-ele-mesmo definia-se como um "cristão gnóstico" (1935) ao mesmo tempo em que se apresentava como verdadeiro discípulo de Alberto Caeiro (PESSOA, *OPr*: 96), este, mais que pagão, o próprio Paganismo, o "Grande Pã" renascido (*idem*, *OPr*: 116).

Em nossa hipótese, compreendemos *União* como a cessação natural da flutuação entre os opostos. A apresentação que se segue tem por objetivo esclarecer esse sentido do termo União, através de uma segunda hipótese: a de que nossa hipótese primeira encontra reflexos nas idéias desenvolvidas por Patâñjali, pensador hindu autor de uma vasta gramática da união (intitulada *O Grande Comentário Gramatical*).

**तत्र शब्दार्थज्ञानविकल्पैः संकीर्णा सवितर्का समापत्तिः ।४२।**

*tatra śabda artha jñāna vikalpaih. san°kîrṇā savitarkâ samâpattih. [ 42 ]*

Este aforismo em devanágari (o alfabeto usado pelo Sânscrito) é 42º verso do primeiro capítulo de um dos principais tratados hindus de Filosofia: o *Yoga Sûtra* de Patânjali (circa 200 aC).

A Patânjali atribui-se não apenas a autoria do *Yoga Sûtra* (aforismos de Yoga), seu texto culminante, mas também a compilação do *Caraka Samhita* (lê-se "Tcharaka Sam-rita"), principal tratado de medicina Ayurvédica, e o *Mahabhâshya Vyâkarana*, que teria sido sua primeira obra – um grande (*maha*) comentário (*bhâshya*) à Gramática Sânscrita (*Vyâkarana*) compilada por Pânini (circa 600-300 aC). Pânini, por sua vez, é considerado o pai da Fonética não apenas no Oriente.

Se o *Yoga Sûtra* de Patânjali é uma costura (*sûtra* = fio) de densos 196 aforismos (que em sânscrito caberiam em 3 meras folhas tamanho A4), os nove volumes da única tradução para o inglês do *Mahabhâshya* (o *Grande Comentário*) representam apenas um nono desta obra de Patânjali, que, se fosse toda publicada em tomos homogêneos, somaria, pois, cerca de 81 volumes – com o mesmo vasto comentário em diálogo, em busca do entendimento perfeito de cada um dos 1.700 princípios gramaticais escolhidos dentre os cerca de 4 mil expostos por Pânini.

Muito se discute acerca da real autoria dessas três obras perenes da cultura védica, tradicionalmente atribuídas a Patânjali. Levanta-se a razoável hipótese de que – assim como Giambattista Vico (1744) argumentou sobre o verdadeiro Homero – o vero Patânjali poderia ter sido não um homem, mas uma inteira civilização, maravilhosamente culta e muito anterior aos gregos.

Embora prefiramos atribuir o tratado de Ayurveda ao próprio *Caraka* (que o nomeia), acreditamos que o *Grande-Comentário* foi escrito pelo mesmo Patânjali sistematizador da Yoga: lemos os densos aforismos da obra culminante como o resumo máximo, a *semente*, de toda a árvore de conhecimento cultivada nos 81 volumes gramaticais. Nesse sentido, tudo o que explicitamente tange à Linguagem no *Yoga Sûtra* vemos como conclusão da grande obra anterior, que, por sua vez, comenta a outra vasta obra anterior de Pânini, que resume, na primeira gramática escrita de que a humanidade tem registro, pelo menos 8 gerações de filósofos da

Linguagem... o que nos levaria a mais de um milênio de reflexão gramatical antes de Cristo.

Consideramos, portanto, os aforismos do *Yoga-Sûtra* especificamente referentes à Linguagem como sínteses-sementes dos frutos do *Grande-Comentário*. "Yoga" significa "união". Com etimologia sânscrita "yuj", a raiz verbal de "yoga" frutificou palavras tais como "junção" e "jugo", de tonalidades aparentemente opostas, mas sempre com um sentido geral de *união* – para o bem ou para o mal, ou para além dessa *dualidade*.

Sendo, portanto, "Yoga" igual a "União", o *Grande-Comentário* precursor da Yoga poderia ser apelidado de "Gramática da União", a um tempo resgatando e questionando socraticamente (ou pré-socraticamente!) toda a tradição lingüística anterior – numa palavra, "atualizando" o conhecimento passado em termos de "como ele poderia ser realizado coerentemente agora", seja o "agora" em tempos de Patânjali, seja em nosso tempo em que a Filosofia da União não deixa de ser atual.

Exemplo da atualidade do *Grande-Comentário* de Patânjali (circa 200 aC) é ele tratar tanto da Linguagem “Bem-Feita” (que é o significado de “Sânscrito”), quanto da linguagem do povo:

Vai-se ao oleiro em busca dos potes,  
mas não se vai ao gramático em busca das palavras.  
A Linguagem já existe no meio do povo.

Retomando agora o aforismo de Patânjali, propomos uma tradução:

Assim (neste estado chamado *savitarkâ samâpattih*), o som da palavra (como signo), a causa ou intenção primordial da palavra (como objeto) e o conhecimento ou impressão mental da palavra (como interpretante) estão unidos na imaginação – realizando-se a lógica apropriada.

Podemos parafraseá-lo, aplicando um exemplo: apesar de a palavra ‘vaca’, o objeto indicado pela palavra ‘vaca’ e a impressão mental criada pela palavra ‘vaca’ (que implica forma, seus vários usos, etc) serem diferentes, geralmente os tomamos juntos.

Quando nós os diferenciamos, as particularidades da palavra (como signo), da intenção primordial (como objeto) e da ideação (como interpretante) evidentemente se tornam distintos. Quando, porém, na mente de um yogue absorvido no pensamento de uma vaca, existe a mistura de palavra, objeto e idéia... temos a chamada *savitarkâ samâpattih*, ou seja, a “lógica apropriada”.

Poder-se-ia dizer que essa lógica apropriada é o estado comum da linguagem e o fundamento mesmo da Semântica, em que o intelecto associa palavra, coisa e pensamento. No entanto, a "lógica apropriada" de que falamos aqui não é uma realidade puramente intelectual, mas uma união tal, que a palavra, a coisa e a consciência são um só, sem limites distinguíveis – e em nosso cotidiano tomar a palavra "cadeira" pelo objeto cadeira seria tido por irracional. Mas no encantamento da Poesia, especialmente na de Pessoa (em que as células dos heterônimos são as palavras), esta lógica da união se realiza a cada verso, atravessando limites da Gramática Tradicional.

Há uma *união* – uma lógica apropriada – entre modo de ver, modo de pensar e modo de escrever, em cada heterônimo de Fernando Pessoa: cada um deles só vê, pensa e diz exatamente aquilo que escreve, visto que de fato é justamente aquilo que escreve. A economia entre estes três modos encontra suporte filosófico ocidental na Semiótica de Charles Sanders Peirce, que adotaremos como Metodologia.

Manter ou não-manter a tradição? Cada heterônimo parece desenvolver uma resposta para esta pergunta, construindo lógicas apropriadas como Pontes, em vez de pender para este ou aquele extremo. A hipótese deste trabalho, portanto, para um eu-observador em plena Ponte, em busca de uma lógica apropriada, é que as duas margens podem estar certas – o que só é, de fato, um problema para uma gramática que dogmatize tradições, de um lado, ou rupturas, de outro. Mas não para uma Gramática da União que, em Fernando Pessoa, busque seus princípios sobre a Ponte da Poesia.

## v. A Metodologia – de Peirce

Charles Sanders Peirce, ainda que pouco conhecido em termos gerais, é visto hoje como “um dos filósofos maiores da modernidade” (HUISMAN, 1984: 755). Talvez correndo o risco de simplismo ante a imponência de uma obra de 80 mil páginas manuscritas (muitas ainda inéditas), podemos apresentar a filosofia de Peirce como neoplatônica – no sentido específico de que os Signos, tal como as Idéias de Platão, são definidos como Realidades *Próprias*, isto é, Capazes de Manter suas Propriedades (como os Substantivos Próprios mantêm sua Substância), independentemente de nossa capacidade ou ignorância para interpretá-las. Sem cair no dualismo mente-*versus*-corpo, Peirce desenvolve uma lógica do movimento, sempre triádica, com uma base perspectiva consistente entre materialismo & idealismo: idealismo sem materialismo é vazio, e materialismo sem idealismo, cego.

O corolário de sua Filosofia é o Pragmatismo, um método de clarificação conceitual, enxergando o sentido de um conceito como nada mais que a resultante de todas as implicações práticas de se tomar esse conceito como verdadeiro.

Consider what effects, which might conceivably have practical bearings, we conceive the object of our conception to have. Then the whole of our conception of those effects is the whole of our conception of the object. (Peirce 1878)

[Considere quais efeitos (podendo concebivelmente ter implicações práticas) concebemos que o objeto de nossa concepção tem. Então, o todo de nossa concepção desses efeitos é o todo de nossa concepção do objeto.]

O Pragmatismo de Peirce ecoa o aforismo de Patânjali de nossa hipótese, o qual sugeria que o encontro entre conhecedor e conhecido gera um terceiro elemento como Ponte: as *ideações*, isto é, hábitos de ações. A busca da Verdade tem uma conseqüência, e essa conseqüência (que varia de acordo com o interpretante) é inerente à própria busca – são os passos que constroem o caminho da própria ação de buscar. De nada valerá, pois, todo o conhecimento do universo se ele não puder ser aplicado aqui e agora. Nem valerá coisa alguma uma Gramática que não se abra para a linguagem surpreendente da vida... Gianni Rodari (1973) propôs algo semelhante ao escrever sua *Gramática da Fantasia*.

Note-se que a perspectiva deixa de ser imediatamente dual – e passa a ser triádica, com um terceiro signo ao meio, isto é: uma perspectiva inter-mediada. No ocidente, a forma triádica de pensar encontra expressão poética com Fernando Pessoa e rigor lógico na obra de Charles Sanders Peirce; este lembra-nos que, na *Crítica da Razão Pura*, Immanuel Kant (1781) alcançou uma tabela de categorias que a todo tempo se tripartem: em termos de *Quantidade*: Unidade, Pluralidade e Totalidade; em termos de *Qualidade*: Realidade, Negação e Limitação; em termos de *Relação*: Inerência, Causalidade e Comunidade *ou* Subsistência, Dependência e Reciprocidade; em termos de *Modalidade*: Possibilidade, Existência e Necessidade.

Desde a primeira sistematização da lógica Ocidental, Aristóteles sugerira a existência das tricotomias, por exemplo, num silogismo ordinário:

Todos os homens são mortais.  
Eliar era um homem.  
Portanto, Eliar era mortal.

Há, aqui, três proposições: duas premissas e uma conclusão – além de três termos: homem, mortal e Eliar. Outro exemplo de triplicidade lógica são as respostas afirmativa, negativa e incerta.

Seguindo com o exemplo, lembramos que as tríades também se percebem na Psicanálise de Freud: ego, superego e id; e na de Lacan: Real, Imaginário e Simbólico. Estão nas histórias: começo, meio e fim; nas cores fundamentais: azul, vermelho e amarelo; consonantes, dissonantes e assonantes; na Física: sólido, líquido e gasoso; expansão, manutenção e radiação; positivo, neutro e negativo; no contexto social: indivíduo, sociedade e universo; alto, baixo e médio, etc. etc.. etc...

Voltando ao princípio do sutra de Patãñjali, as tríades se diferenciam para podermos pensá-las, mas estas apenas se tornam verdadeiras quando complementadas, misturadas, assimiladas. E, para haver mistura, é preciso haver um terceiro elemento que sirva de ponte entre os antepostos.

O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2002: 349) nota que as contrapostas ao dualismo “têm-se resumido, até agora, a desideratos pós-binários

antes verbais que propriamente conceituais”. É claro que uma contra-proposta ao dualismo só pode mesmo ser dualista! Portanto, em vez de nos contrapor, tentaremos pensar de maneira triádica, invocando os *conceitos* (mais desenvolvidos que meros “desideratos”) da *Fenomenologia* de Peirce, pouco conhecida em termos gerais – para nos descondicionar da forma (contra)tradicional de pensar e, então, podermos caminhar pela ponte *flexível* de uma Gramática da União. Em vez de algo ainda binário “pós-binário”, busquemos, pois, o Algo terceiro entre os binários...

Se o Pragmatismo é o fruto da arquitetura filosófica de Peirce, sua Fenomenologia é a raiz. A fim de apresentá-la, pedimos a disponibilidade do leitor para nos acompanhar. Se prestarmos atenção às nossas bocas neste exato instante e, mais especificamente, ao gosto que está nas mesmas, perceberemos que tal gosto já estava lá antes mesmo que houvesse uma consciência voltada para ele. Esta qualidade de sensação, já presente numa consciência passiva, sem qualquer análise, é chamada por Peirce de *Primeiridade*.

Conscientizando-se do gosto na boca, interrompemos o campo da passividade: há uma espécie de resistência de algo sobre algo e, assim, uma diferença do que antes era a Primeiridade; este encontro de algos (Primeiridades) é o que Peirce chama *Secundidade*.

Após esses momentos iniciais, o leitor concluirá, enfim, qual a identidade do seu gosto na boca, que pode ser, por exemplo: geléia de morango. Esta síntese, que reúne tempo, sentido de aprendizado e pensamento, mediando Primeiridade e Secundidade, é chamada *Terceiridade*.

Charles Sanders Peirce chegou a essas 3 Categorias estudando Kant, conhecendo sua *Crítica da Razão Pura* de cor, no original alemão, aos 14 anos de idade. Extremamente rigoroso em suas investigações, Peirce foi o primeiro a tentar refutar a validade de suas Categorias Universais, que, num primeiro momento (Primeiridade), pareceram a si mesmo uma ridícula e infantil simplificação. Então, o homem que seria o pai da Semiótica, tendo conhecimentos em Matemática (seu pai era um brilhante matemático) e em Química (com 11 anos escreveu uma "His-

tória da Química"), passou de ciência a ciência tentando refutar seu *insight* – esta fervorosa dialética foi a Secundidade.

Enquanto atravessava Metafísica, Psicologia, Fisiologia, Biologia, Física, Sociologia e Teologia, em vez de se refutar, Peirce ia legando contribuições a cada uma dessas áreas do Conhecimento... E, mais importante ainda, induzia uma metodologia apropriada para "aprender a aprender" cada uma de tais Ciências, vendo-as sempre como experimentais: "Ciência é o que os cientistas vivos fazem". Nesse sentido é que o Semiótico mapeou uma Arquitetura das Ciências de sua época, entrevendo quais emprestavam princípios a quais, esclarecendo as dívidas e dádivas entre elas – numa palavra, realizando *União* (a Terceiridade da busca) pelo próprio exemplo de sua vida.

É com a metodologia viva ou semiótica de Peirce que estudaremos Fernando Pessoa, sob a perspectiva da *União* emprestada da Gramática de Patânjali.

Peirce-Patânjali-Pessoa nem sempre se dissociam no conceito deste trabalho, ainda que Fernando Pessoa seja o ponto focal – porto aonde o barco de devaneio regressará caso se lhes soltem as amarras no decorrer do texto. Quanto à estrutura formal desta dissertação, porém, Peirce, Patânjali e Pessoa têm participações bem definidas:

- 1.A estrutura deste trabalho segue triadicamente a Semiótica de Peirce, com suas Categorias embasando a distribuição dos elementos do texto.
- 2.Cada um desses elementos cultivados será apresentado por meio de um sutra, como fazia Patânjali: *sutras* como definições ultra-condensadas.
- 3.O cultivo de cada sutra partirá de um trecho de Fernando Pessoa, desenvolvendo-o e, sempre que possível, retornando a ele em conclusão.

### **Sūtra 0 = Gramática da União é o entendimento triádico da linguagem**

(...) compreender que a Gramática é um instrumento, e não uma lei.  
(PESSOA, *LD*, 84)

Reunimos as perspectivas Estilística, Sintática e Semântica, reconhecendo-as como Ciências Normáticas (Estética, Ética e Lógica) da Linguagem.

– O que será uma Ciência “Normática”?

Admirando (como Lucia Santaella admira) a Semiótica arquitetada por Charles Sanders Peirce, este projeto re-conhece a Estilística como *Estética da linguagem* – o que implica reconhecer como fenômeno primordial aquilo que costuma ser tido por mero anexo nas Gramáticas, não só do Português: as “noções elementares de Estilística”, que estudamos na escola como panacéia para todos os curiosos problemas (com nomes ainda mais curiosos) que não couberam na Sintaxe – a qual reconheceremos, mais tarde, como Ética, antes de reconhecermos a Semântica como Lógica, que Peirce reconheceu como Semiótica.

Valorizando a etimologia de “Estética” como “pôr-se em movimento” rumo ao “Kalós” (Algo Admirável), temos a Ciência de mirar (ad-mirar) novos horizontes. Admirar é primordial. Sem admiráveis sensações não haveria encontro (de duas sensações) e, sem encontro, não haveria aprendizado (uma terceira sensação)... Admiramos algo (Estético) desde antes de enfrentarmos os pedregulhos (Éticos) do caminho ao longo do qual cresce o sentido do aprendizado (Lógico ou Semiótico)... Por isso, em sua Arquitetura das Ciências, Peirce situa a Estética como a *Primeiridade Normática ou Primeira Ciência Normativa* da Filosofia – logo, base da Ética e até mesmo da Lógica, como se pode imaginar por meio do diagrama das ciências a seguir, se repararmos que as ciências à esquerda emprestam seus princípios àquelas à direita.

Ciências = **Ciências da Descoberta** => C. da Digestão => C. Aplicadas

Ciências da Descoberta = Matemática & Artes => **Filosofia** => Ideoscopia

Filosofia = Fenomenologia => **Ciências Normáticas** => Metafísica

Ciências Normáticas = **Estética** => **Ética** => Lógica como **Semiótica**

Admiremos, aqui, esse *normaticismo* tão móvel quanto suas perspectivas de horizonte (que mudam conforme gira a Terra e sua Estética), porque só podemos *normatizar qualquer coisa que seja* posteriormente às Ciências das Descobertas de matemáticos e artistas: os grandes fenomenólogos de todos os tempos, criado-

res e recriadores de toda e qualquer Gramática – lembrando, com Ferdinand Saussure, que todo falante é um artífice dinamizador ou estagnador da língua, gerador de erros e reprimendas que fazem a gramática abrir ou fechar.

Semeando as três idades de Peirce pela Gramática, adivinhamos assim o quebra-cabeça da *Ciência Admiradora da Linguagem* (nossa tradução para Gramática).

Então, deduzimos algumas instruções de montagem, buscando a descrição mais simples da imagem formada (imaginando como Paul Klee quando criança o faria) – para que o leitor possa remontar tudo com sua própria intuição, pois só o uso que se venha a fazer de tais garatujas será o argumento final sobre a nossa montagem (ou seria curto-circuito?) das peças – conforme a poesia do dia-a-dia se dinamize por esses encaixes.

É possível que o leitor leve alguns choques no circuito. Talvez tenhamos forçado algumas peças (ou invertido certos pólos). Mas outras se encaixaram tão veludosamente...

Sempre poderão pensar que inventamos uma imagem tão bela, que só nos restou buscar as peças mais à mão para realizar nosso afoito desejo de contemplá-la – embora tenhamos escolhido manter (em vez de rebatizar) nomes tão usados quanto “metáfora” e “paradoxo”, justamente para desafiar nossa intuição com suas cargas semânticas (formatos) de encaixe nem sempre conveniente.

Só nos resta pedir ao leitor toda a sua simpatia, para admirar conosco um mapa nada mais que possível...

Se, por algum momento admirável, ocorrer uma sensação de verdade ou de sentido a quem nos ler, já nos consideramos justificados.